

## En(canto) com Marta Cocco: uma entrevista sobre fazeres poéticos na literatura infantil

*Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira\**

Doutora em Letras pela UNESP, Campus de Assis, Estado de São Paulo, com linha de pesquisa em Literatura e Vida Social, na área de Literaturas de Língua Portuguesa. Professora na graduação e pós-graduação da Faculdade de Ciências e Letras – FCL da UNESP, Campus de Assis-SP.

 <https://orcid.org/0000-0002-2564-4270>

*Rosana Rodrigues da Silva\*\**

Doutora em Letras pela UNESP de São José do Rio Preto (2003). Mestre em Letras pela UFRGS (1997) e graduada em Letras pela UNESP, campus de Assis (1992). Professora efetiva da UNEMAT, (Universidade do Estado do Mato Grosso), campus de Sinop, do curso de graduação em Letras, do Mestrado profissionalizante (PROFLETRAS) e do mestrado acadêmico (PPGLetras).

 <https://orcid.org/0000-0002-5946-9124>

**Recebido** em: 13 jun. 2019. **Aprovado** em: 25 ago. 2019.

### Como citar esta entrevista:

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro; SILVA, Rosana Rodrigues da. En(canto) com Marta Cocco: uma entrevista sobre fazeres poéticos na literatura infantil. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. 2, p. 272-278, set. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10065307>

Nesta entrevista, busca-se conhecer o trabalho da poeta, contista e escritora de livros infantis, Marta Cocco. Almeja-se tratar, também, de sua formação, suas experiências, histórias de vida e de leituras que a influenciaram em seu processo criador e em sua trajetória profissional, como pesquisadora e professora de literatura da Universidade do Estado de Mato Grosso, Câmpus de Tangará da Serra. A eleição dessa autora como entrevistada deste dossiê deve-se à sua importância no cenário da Literatura Infantil das últimas décadas, em especial,

---

\*

 [elianegalvao13@gmail.com](mailto:elianegalvao13@gmail.com)

\*\*

 [rosana.silva@unemat.br](mailto:rosana.silva@unemat.br)

mato-grossense, à crítica especializada que reconheceu a qualidade de sua obra, laureando-a com premiações, e à sua atuação na área, participando de eventos de promoção da leitura.

Marta Cocco nasceu em 1966, em uma colônia de italianos, hoje Pinhal Grande-RS; formou-se em Letras (1987) e em Zootecnia (1992), com mestrado em Estudos da linguagem (UFMT) e doutorado em Letras (UFG). Pela sua produção inserida no subsistema literário infantil, pode-se notar o respeito pela criança leitora manifesto, por meio da comunicabilidade, do jogo lúdico e sonoro, de inovações no diálogo entre texto verbal e imagético, enfim, pelos inúmeros recursos estilísticos empregados. Esses elementos revelam que sua produção literária infantil possui função social, pois se compromete, sobretudo, com o valor estético.

Entre suas obras, vale destacar: **Lé e o elefante de lata** (2013); **Doce de formiga** (2014); **Sabichões** (2016), selecionada para compor os acervos do PNLD literário de 2018; **Meu corpo é uma fabricazinha?** (2020); **Escrituras animais** (2020), agraciada com o prêmio Estevão de Mendonça de literatura; **As coisas cansadas das mesmas coisas** (2021), **A menina Capu e as tintas mágicas** (2021), obra escrita em homenagem à artista plástica Capucine Piccaroli e premiada no mesmo ano no concurso **1º Prêmio MT Artes**, que visa a celebrar e reconhecer produções artísticas e culturais de Mato Grosso.

**Pesquisadoras:** Em 1991, você publicou seu primeiro livro de poesia, intitulado **Divisas**, destinado a leitores com trajetórias de leitura. Por que aguardou mais de duas décadas para publicar seu primeiro livro infantil? Quando surgiu a ideia de escrever para crianças? Tratava-se de um desejo adormecido ou um motivo em especial, no campo de suas experiências pessoais, profissionais ou artísticas, trouxe essa vontade de buscar novo público leitor? Você consegue reconhecer pontos em comum entre sua produção para um público adulto e sua produção para crianças?

**Marta Cocco:** Comecei a escrever para crianças a partir de um convite que recebi em 2011, da Cristina Maria, do SESC Arsenal – Cuiabá, para escrever um poema que seria musicalizado e integraria o espetáculo cênico “Dó Ré Mi Fá, poesia para cantar”. A Cristina me ligou e disse que já havia selecionado poemas de Ivens Scaff, de Aclyse Mattos, Silva Freire e Luciene Carvalho, mas, procurando nos meus livros, não havia encontrado nada que pudesse adaptar para o público infantil, então, pediu que eu fizesse algo “para ontem”. Daí eu me lembrei de um episódio ocorrido com meu filho aos dois anos. Ele foi picado por formigas e me perguntou: – Mamãe, mas a formiga pensa que meu dedo é um doce? Daí veio a inspiração.

Como eu sabia que o poema seria musicalizado, escrevi uma cantiga em redondilhas maiores. Gostei da experiência e a partir daí não parei mais. O primeiro livro saiu em 2013 e o segundo em 2014, ambos foram ilustrados por Marcelo Velasco. Publicamos primeiro o *Sapo Lé e o elefante de lata* porque ele terminou de ilustrar antes de *Doce de Formiga*. Nunca tinha pensado em escrever para crianças antes. Foi a partir disso aí, não era um desejo adormecido. Devo isso à Cristina Maria da Silva e ao Ivan, meu filho.

Se eu consigo reconhecer pontos em comum entre a escrita para adultos e a escrita para crianças? Quando eu escrevo para adultos, acho que, em alguns momentos, sou mais triste, porque toco em algumas questões sobre as quais acho que precisamos refletir. Para crianças sempre sou alegre, quero que elas se divirtam, gosto de enfatizar o lado curioso e inventivo das crianças. Em comum? Talvez, certo cuidado com a linguagem, procurando valorizar a relação que o/a leitor/a de qualquer idade pode estabelecer com o texto, fazendo inferências, percebendo as figuras, preenchendo lacunas etc.

**Pesquisadoras:** A maior parte de seus livros publicados para adultos e para crianças privilegia o gênero poético. Por que a opção pela poesia na literatura infantil? Você acredita que a poesia possa ser mais atraente para o público infantil do que a prosa?

**Marta Cocco:** Acho que o atraente para a criança é a linguagem lúdica, tanto na poesia quanto na prosa. Vejo que, na minha produção infantil, está tudo meio hibridizado. O *Sapo Lé* é um poema narrativo. Em *Doce de formiga*, que é essencialmente um livro de poesia, há um poemas narrativo e outros que descrevem uma cena; *Sabichões* é um conjunto de poemas curtos (tercetos à moda de haicais), em que há uma sequência temporal: tudo começa de manhãzinha e vai até a noite, contando o que os bichos fazem; *Meu corpo é uma fabricazinha?*, desde a capa, sugere que há um menino brincando de lego e que intui que seu corpo tem peças que fabricam coisas, então, ele vai enumerando as partes de modo poético, mas tem um elo narrativo; *Escrituras animais* tem uma lagarta que narra e faz o link com todos os gêneros em que os outros bichos escrevem, falando da variedade da escrita; *A menina Capu e as tintas mágicas* é o mais narrativo de todos; *As coisas cansadas das mesmas coisas* começa com a narrativa, na verdade um telefonema de uma menina à mãe, e depois registra o que as coisas fizeram (ilustrações) e disseram (à moda de poemas). Então, está tudo muito misturado. Mas a gente sabe que a linguagem da poesia é muito familiar à infância. A criança, no processo de

aquisição da língua, produz metáforas incríveis. Pela poesia, brinca-se mais com a linguagem. Acho que é isso que me atrai, talvez seja isso que envolva também a criança.

**Pesquisadoras:** Este dossiê da *Revista Letras Raras* pretende apresentar, por meio de artigos reunidos, a diversidade de estilos e formas que compõem a produção atual. Como você compreende a poesia infantil contemporânea? Que elementos não podem faltar em uma obra de poesia para crianças e quais deles estão presentes em sua produção?

**Marta Cocco:** E se eu falar que não sou uma grande leitora da poesia infantil contemporânea? Houve uma fase, quando meu filho era criança, que eu comprava muitos livros infantis. Ai ele cresceu e eu estou lendo bem menos. Mas do que eu tenho lido, eu gosto da poesia que desafia a criança imageticamente, que não menospreza sua capacidade de captar algumas construções de som, e que expressa o mundo dela e não o mundo do adulto. Acho que isso não pode faltar. Mesmo que haja alguma intenção de ensinar algo, como ocorre em alguns dos meus livros, é preciso fazer de modo menos chato possível. Quando escrevo algo nessa linha, eu levo em consideração que algumas crianças não contam com boa orientação em casa. Acho importante considerar essa questão.

**Pesquisadoras:** Em seu ambiente familiar, em um momento de descontração em sua casa, com o filho e os sobrinhos, você sempre deu vazão à contadora de histórias? A literatura foi para você também uma forma de melhor se relacionar com a família e de educar seu filho, estando, dessa forma, sempre presente em sua vida?

**Marta Cocco:** Com certeza. Meu filho cresceu com a gente, eu e o pai dele, fazendo brincadeiras com as palavras, ironias, trocadilhos, contando histórias, cantando. Ele ficava furo da vida quando eu contava algo do tipo: era uma vez um menino muito sabido..., e lá pelas tantas, ele percebia, pelo modo como eu ia caracterizando o personagem, que era dele que eu estava falando. Era muito divertido. Recentemente, numa terapia com uma fonoaudióloga, ela destacou que a presença da literatura na infância dele fez e está fazendo toda a diferença no tratamento.

**Pesquisadoras:** O que você costuma ler em seus momentos de lazer? Que livros e leituras colaboraram para que você se tornasse escritora para o público infantil? Tem algum em especial que lhe trouxe uma inspiração?

**Marta Cocco:** Temos muita gente maravilhosa na literatura infantil contemporânea. Da produção nacional costumo ler Lygia Bojunga, Ruth Rocha, Eva Furnari, Sylvia Orthof, Ricardo Azevedo, Ziraldo, Sergio Caparelli, Marina Colasanti, Pedro Bandeira, Ivens Scaff, entre outros menos famosos, mas igualmente talentosos. São muitos, todos importantes, não tenho um nome apenas para destacar. Já, da literatura infantil portuguesa, gosto da obra de José Saramago, em especial do livro **A Maior Flor do Mundo** (2001), e das obras da autora Alice Vieira e do autor Bernardo P. Carvalho.

**Pesquisadoras:** Dos seus livros infantis publicados, há algum com que mantém uma relação mais próxima? E por quê?

**Marta Cocco:** Cada um tem uma história, todos são muito especiais para mim. Ainda não sei responder a essa pergunta.

**Pesquisadoras:** O seu último livro, *A menina Capu e as tintas mágicas*, faz homenagem à artista plástica Capucine Piccaroli. Como surgiu a ideia de homenagear a artista? Que característica importante dessa autora você desejou revelar?

**Marta Cocco:** Nós tínhamos um projeto de livro infantil. Eu escreveria a história e ela faria as ilustrações, com a temática das “Mil e uma noites”. Mas aí ela ficou doente e faleceu. Eu fiquei com essa coisa inacabada me martelando. Como ela já havia pintado uma série com motivos infantis, eu falei com a filha dela e, a partir do que já existia, criei a história em que, além de ilustradora, ela é a protagonista. É meio biografia, meio ficção. A ideia de homenagem surgiu pelo projeto que a filha idealizou, com recursos da lei Aldir Blanc.

**Pesquisadoras:** Nesse livro, você partiu das pinturas da artista para compor o texto literário, ou seja, a ilustração nasceu primeiro, antes da história, o que costuma ser um processo inverso na criação do livro infantil. Como foi esse processo de escrever para a ilustração? Que recursos você buscou para dar colorido às palavras e alcançar uma coerência intersemiótica?

**Marta Cocco:** Foi mais fácil criar uma história a partir de algo já dado: as ilustrações e o repertório dos clássicos. O difícil foi entrelaçar de modo coeso e coerente uma história na outra. Tentei fazer uma sequência temporal para os dados biográficos e o encadeamento pela ação da mãe, da professora e, claro, da própria personagem. Busquei inspiração na própria Capucine, no jeito extrovertido dela, nas cores vibrantes das suas pinturas e usei algumas expressões da língua que ela usava. Quem a conheceu mais de perto afirma que ficou coerente.

**Pesquisadoras:** Seus livros tiveram diferentes ilustradores, cada um com uma técnica diferente. Como você entende a relação do escritor com o ilustrador no momento da produção? Foram criações simultâneas? A ilustração possui uma função especial em suas obras?

**Marta Cocco:** Geralmente, ao escrever, eu já imagino a ilustração. Se eu soubesse desenhar, seria uma facilidade. Mas aí passo o texto para o/a ilustrador/a e exponho algumas ideias. Ou espero a primeira versão e daí dou alguns pitacos. A técnica usada fica a critério deles. A função da ilustração é a de ser um texto paralelo, não necessariamente uma tradução, mas aí cada ilustrador/a tem sua peculiaridade e a criança é quem vai dirigir a leitura entre o verbal e o não verbal.

**Pesquisadoras:** Nos últimos anos, você tem publicado significativamente para crianças. Você possui algum projeto literário em mente? Alguma ideia que pretende pôr em prática nos livros infantis? Ou algum livro que você acredita que ainda falta ser escrito?

**Marta Cocco:** Tenho várias coisas na gaveta. Mas vão acontecendo espontaneamente, não há muito planejamento. Recentemente, uma artista plástica me disse que gostaria de ilustrar um livro meu. Daí eu escrevi uma sequência de poemas que eu acho que tem a ver com o perfil dela. Vamos ver o que sairá daí. O Francisco também está ilustrando um que são poemas-charadas. E o Marcelo Velasco está com a parte II do *Sapo Lé*. Vamos ver qual sai primeiro. Fora isso, tenho outras coisas. Mas vamos aos poucos, sem pressa.

**Pesquisadoras:** Em sua avaliação, como pode ser compreendida a produção para crianças atualmente? Como você avalia essa produção no contexto nacional e estadual?

**Marta Cocco:** Nacionalmente, no meio de muita coisa pasteurizada, tem livros excelentes sendo produzidos. Ir a uma livraria e ficar escolhendo um livro para dar de presente a uma criança é, para mim, um passeio, um programão, uma coisa prazerosíssima. No âmbito estadual, acho que estamos no caminho, mas ainda há muito a percorrer.

**Títulos publicados:**

**[Marta, por favor, coloque sua produção, creio que divulgará ainda mais o seu precioso trabalho - Veja dois exemplos]**

1991 - Divisas, ed. da autora;

1997 – Partido, ed. Tempo Presente;

2001 – Meios, ed. da autora (prêmio Mato Grosso Ação Cultural);

2007 - Sete dias, ed. Galo Branco.

2011 - Sábado ou cantos para um dia só, ed. Carlini e Caniato.

2013 - Lé e o elefante de Lata, ed. Ideias.

2014 - Doce de formiga, ed. Tanta Tinta

2016 – Sabichões, ed. Tanta Tinta

2016 – Não presta pra nada, ed. Carlini e Caniato (I Prêmio Mato Grosso de Literatura)

2020 – Meu corpo é uma fabricazinha? Ed. da autora.

2020 – Escrituras animais, ed. Gesto.

2021 – A menina Capu e as tintas mágicas, ed. da autora (Prêmio MT de artes)

2021 – As coisas cansadas das mesmas coisas.